



Comunicação e aprendizagem na trajetória inicial de um aluno com surdocegueira: perspectivas de profissionais

Simara Pereira da Mata
Jáima Pinheiro de Oliveira

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Marília.

Programa de pós-graduação em Educação

Eixo temático 27 – Surdocegueira

Pôster

Resumo

Um dos desafios de maior complexidade para os profissionais que atuam com sujeitos com surdocegueira, especialmente a de natureza pré-linguística, é a comunicação. Por não ocorrer de maneira natural, o desenvolvimento da linguagem para uma pessoa com surdocegueira total e congênita, especialmente, precisará ser facilitada por interlocutores que disponham de outros meios além dos que envolvam a visão e a audição. Dentro desse contexto, esta pesquisa, de abordagem qualitativa do tipo descritivo, teve como objetivo identificar em relatos de profissionais que atuaram com um sujeito com surdocegueira pré-linguística, aspectos da relação comunicação e aprendizagem. Participaram do estudo uma pedagoga de um centro de especialidades da área da saúde, uma fonoaudióloga de um centro de equoterapia e um professor de Arte de uma escola regular pública municipal do interior de São Paulo. A pesquisa foi realizada nos locais de atuação profissional dos respectivos participantes, por meio de entrevista semiestruturada, tendo como apoio um roteiro. Os dados foram tratados a partir de análise de conteúdo, tendo como base a temática da comunicação. Os dados apresentados neste estudo expressam as perspectivas dos profissionais de que o trabalho com o sujeito com surdocegueira deve ter como base a comunicação. Para os participantes, a compreensão do mundo que o cerca seria o primeiro aspecto a ser levado em conta, no atendimento do sujeito com surdocegueira.

Palavras-chaves: Surdocegueira. Comunicação. Aprendizagem.



Introdução

A surdocegueira é uma condição de características heterogêneas, sua forma de desenvolvimento bastante peculiar e exige dos profissionais conhecimentos específicos e domínio do uso de recursos e estratégias adequadas, especialmente, para comunicação (AMARAL, 2002).

Reyes (2004, p. 89, tradução nossa), destaca a necessidade de observar como a combinação das perdas sensoriais interferem na vida do indivíduo, mais precisamente, em “[...] sua mobilidade, sua capacidade de aprendizagem, de relação e comunicação com os outros, seu nível de autonomia pessoal, sua capacidade de trabalhar etc.”¹

Em um estudo com professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE) voltado para o atendimento de alunos com surdocegueira, Godoy, Vitaliano e Fabri (2012), constataram que, para esses profissionais, a comunicação era a principal dificuldade encontrada na atuação com esse público-alvo.

Na mesma linha, Cormedi (2011) destaca que as dificuldades de maior complexidade para uma pessoa com surdocegueira congênita seriam as de comunicação, desenvolvimento da linguagem e, conseqüentemente, da aprendizagem. O desenvolvimento da linguagem para uma pessoa com surdocegueira total e congênita, por não ocorrer de maneira natural, precisará ser facilitada por interlocutores que disponham de outros meios além dos que envolvam a visão e a audição.

Em geral, autores concordam que as associações desses comprometimentos sensoriais, independentemente dos graus de privação, geram limitações nas respostas a estímulos externos, comunicação e interação social e, ainda, comprometimentos de caráter emocional, físico e educacional (McINNES, 1999; ARAÓZ, 1999; MAIA; GIACOMINI; ARAÓZ, 2009; REYES, 2004; CADER-NASCIMENTO; COSTA, 2010). A associação das privações em

¹ [...] su movilidad, su capacidad de aprendizaje, de relación y comunicación con los demás, su nivel de autonomía personal, su capacidad de trabajar, etc.



limitares mais altos, embora relativamente rara, como a surdocegueira total, acarreta maiores implicações (CADER-NASCIMENTO; COSTA, 2010).

Nesta perspectiva, a comunicação e o desenvolvimento da linguagem são os maiores desafios para os pais e diferentes profissionais que atuam com sujeitos com surdocegueira pré-linguística, já que diversas são as barreiras que restringem o acesso às experiências relacionadas à linguagem, a comunicação, a informação, a educação e a vida social (MILES; McLETCHE, 2008; CORMEDI, 2011).

Para Villas-Boas (2014), ainda não se tem muito conhecimento acerca das formas de aprendizagem, atenção e comunicação de crianças com surdocegueira pré-linguística e deficiência múltipla sensorial; assim, compreender as formas de comunicação desses sujeitos e as suas características é primordial para a atuação dos profissionais.

Sabe-se que para as crianças sem limitações sensoriais, o processo de aquisição da linguagem oral ocorre de forma natural, por meio da comunicação e da interação que é estabelecida pelos estímulos recebidos, especialmente dos sentidos receptores à distância, visão e audição. É importante destacar que, nesses casos, trata-se de um processo natural e espontâneo, ou seja, não são necessárias ações sistematizadas de ensino, para que a criança sem limitações sensoriais se comunique. Por outro lado, as crianças com surdocegueira, por não aprenderem incidentalmente, precisam ser ensinadas, o que para os outros acontece ouvindo e observando o que há a sua volta (McLETCHE; RIGGIO, 2002). Além disso, necessitam de muita motivação para entrar em contato com o mundo exterior, já que a surdocegueira afeta significativamente a comunicação e a habilidade em interagir com o meio (AMARAL, 2002; MASINI, 2002).

Nessa perspectiva, concorda-se que o processo de comunicação da criança com surdocegueira se inicia com formas mais elementares, como toque, expressões e movimentos corporais, os quais são convertidos em formas mais abstratas e simbólicas, de maneira gradativa (COSTA, 2014).



De acordo com Costa (2014), as formas abstratas/simbólicas incluem a linguagem oral para crianças com resíduos auditivos; o tadoma, método que consiste na percepção das vibrações e movimentos dos órgãos fonoarticulatórios, por meio do tato; a língua de sinais táteis; a dactilologia na palma da mão; a língua de sinais em campo reduzido para pessoas com resíduos visuais; o sistema Braille; entre outros.

Um ponto crucial é a observação do comportamento da criança com surdocegueira e suas ações comunicativas, a fim de que o adulto mantenha consistência em suas respostas e favoreça o estabelecimento da comunicação. Quanto maior o tempo de exposição da criança a situações atrativas de comunicação com parceiros eficientes, maiores serão as possibilidades de aquisição da linguagem (VIÑAS, 2004).

Nesse contexto, de acordo com Samaniego (2004), dentre as implicações da surdocegueira, os aspectos mais significativos são: a necessidade de aprender a desenvolver diferentes sistemas de comunicação que ajudem a compreender o meio e interagir com outras pessoas; a utilização do tato como principal fonte receptiva de informação e como modo de compensar a perda dos sentidos à distância; e a necessidade de atuação multidisciplinar entre diferentes áreas.

Objetivos

Identificar em relatos de profissionais que atuaram com um sujeito com surdocegueira pré-linguística, aspectos da relação comunicação e aprendizagem.

Metodologia

Trata-se de um estudo de abordagem de natureza qualitativa, do tipo descritivo.

De acordo com Godoy (1995) a pesquisa de abordagem qualitativa é um tipo de investigação que surge de questionamentos e focos amplos de



interesse, nos quais os dados são apresentados de forma descritiva e pretendem atingir a compreensão de fenômenos, com base em diferentes perspectivas dos sujeitos envolvidos.

O estudo aqui apresentado é um recorte da pesquisa de mestrado da primeira autora.

Participaram do estudo três profissionais que atuaram com um sujeito com surdocegueira, nas três instituições em que ele foi atendido, formalmente, dos primeiros anos de vida até os 17.

Apresentaremos, no Quadro 1, a caracterização desses profissionais. Para fins de preservação da identidade dos participantes, os nomes utilizados, ao longo do texto, são todos fictícios.

Quadro 1 - Dados de perfil dos participantes

Identificação	Caracterização
Maria	<p>Formação: magistério; Pedagogia com habilitação na área de deficiência visual e surdez; especialização em Educação Especial – Deficiência visual; e Terapia Ocupacional (não concluída).</p> <p>Área de atuação: pedagoga no Centro de Especialidades, em consultório particular e em um Centro de Apoio ao Surdocego.</p> <p>Tempo de atuação na área: mais de 20 anos.</p> <p>Atuação com o sujeito com surdocegueira: profissional de referência durante o período em que o sujeito passou por atendimento no Centro de Especialidades, aproximadamente de um aos três anos de idade e, depois, dos cinco aos oito.</p>
Beatriz	<p>Formação: Fonoaudiologia; especialização em Linguagem; e mestrado em Linguagem.</p> <p>Área de atuação: fonoaudióloga em uma clínica e no Centro de Equoterapia.</p> <p>Tempo de atuação na área: 15 anos.</p> <p>Atuação com o sujeito com surdocegueira: profissional de referência, durante o período em que o sujeito passou por atendimento no Centro de Equoterapia, aproximadamente dos oito aos doze anos de idade.</p>
Henrique	<p>Formação: Letras; Pedagogia; Artes Visuais; especialização em Alfabetização.</p> <p>Área de atuação: professor de artes e português.</p> <p>Tempo de atuação na área: 8 anos.</p> <p>Atuação com o sujeito com surdocegueira: professor de arte do sujeito na escola regular, durante o terceiro e o quinto ano do Ensino Fundamental.</p>



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O procedimento de coleta de dados adotado nesta investigação foi de entrevista semiestruturada, com um roteiro com perguntas abertas. Durante a realização da entrevista, houve alterações na ordem das perguntas e inclusão de questões complementares, visando a melhor entendimento do fenômeno estudado (MANZINI, 2012).

Os roteiros continham questões abertas, organizadas da seguinte maneira: caracterização profissional com aspectos da formação e atuação do participante; início do trabalho com o sujeito com surdocegueira, enfocando questões relativas ao primeiro contato, orientações recebidas e ações realizadas; questões ligadas ao desenvolvimento da comunicação no contexto dos atendimentos. Todas as questões tinham por objetivo coletar dados referentes às perspectivas dos profissionais sobre o desenvolvimento da comunicação de Mike, nos diferentes contextos de atendimentos.

Após a transcrição, os dados foram tratados a partir de seu conteúdo, com base em Bardin (2011). Adotou-se como critério para seleção dos dados a temática “comunicação” e, em seguida, foram estabelecidos subtemas. Para Bardin (2011), o termo *análise de conteúdo* compreende

[u]m conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 42).

Assim, para o processo de obtenção de temas, foram considerados, inicialmente, os relatos que indicavam as perspectivas dos profissionais, isoladas (um único participante) ou recorrentes (mais de um participante), sobre aspectos do desenvolvimento da comunicação, no sujeito com surdocegueira pré-linguística.



Resultados

Observamos, de modo geral, que, para os participantes, o trabalho com o sujeito com surdocegueira deve ter como base a comunicação. A compreensão do mundo que o cerca seria o primeiro aspecto a ser levado em conta, no atendimento do sujeito com surdocegueira. Isso pode ser confirmado nos relatos dos participantes Maria, Beatriz e Henrique, reunidos no Quadro 2, a seguir.

Quadro 2 - Relatos que transmitiram a ideia da comunicação como base para o desenvolvimento do sujeito

Participante	Exemplos de relatos	Ideias subjacentes
Maria – Pedagoga do Centro de Especialidades	<i>[...] eu acho mais importante é que ele entenda o que está acontecendo, porque, quando ele consegue entender o que está acontecendo, é muito tranquilo para criança, para ela abrir a porta para entender outras coisas que a gente vê que seriam importantes para o desenvolvimento. Então, que ela consiga entender que “agora ou hoje eu vou em tal lugar”, “a minha casa é assim, eu vou chegar, vai acontecer isso”, essa antecipação da informação [...] Porque aí ele vem esperando “ah, eu vou lá naquela sala que tem isso, tem aquilo”, “vou com aquela moça, nós vamos fazer isto”, vem como uma outra perspectiva do trabalho.</i>	Compreensão do mundo que o cerca para o desenvolvimento de conceitos básicos.
Beatriz – Fonoaudióloga do Centro de Equoterapia	<i>[...] quando a gente falou da escola e tal, é porque eu via a possibilidade de ele ser totalmente independente no sentido assim, de poder circular dentro de casa sozinho, de entender o que é uma terapia, fazer uma terapia, de fazer algumas outras atividades que envolvam estimulação sensorial [...] explorar essas atividades no sentido de proporcionar outros tipos de desenvolvimento [...]</i>	Possibilidades de independência para atividades de rotina.



Henrique – Professor de Arte	<i>Eu acho que é a interação e a comunicação. Interagir bem, seja com o grupo e com os materiais também. Se ele conhece, sabe o que é, acho isso muito importante para todo o desenvolvimento dele.</i>	Interação e comunicação como bases importantes para o desenvolvimento do sujeito.
---------------------------------	---	---

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Esses dados vêm ao encontro do que é considerado por Cader-Nascimento e Costa (2010) como pressuposto básico para o desenvolvimento. As autoras destacam que a aprendizagem da comunicação por crianças com surdocegueira pré-linguística é o suporte inicial de todo esse processo.

Na mesma perspectiva, Costa (2014) argumenta que todo o desenvolvimento da pessoa com surdocegueira pré-linguística fica condicionado, em grande proporção, às possibilidades de acesso ao mundo, para conhecer pessoas e ambientes e implementar meios de comunicação que ajudem a desempenhar outras funções. Esse acesso precisa ser mediado por profissionais que dominam uma série de conhecimentos a propósito das diferentes formas de comunicação da pessoa com surdocegueira (GALVÃO; MIRANDA, 2013).

Observamos, nos relatos apresentados, que a participante Beatriz indicou uma perspectiva de comunicação como base para o desenvolvimento da independência e autonomia.

Sobre esse aspecto, Souza (2003) assevera que o início precoce da Comunicação Suplementar e Alternativa pode favorecer o desenvolvimento global da pessoa não-falante, especialmente no nível de autonomia e integração sensorial. Para tanto, é importante que os profissionais tenham conhecimentos acerca do nível de comunicação do sujeito, de suas necessidades, do ambiente onde vive, de suas habilidades/limitações do ponto de vista sensorial, perceptivo, cognitivo e motor, tendo ainda conhecimentos sobre os recursos disponíveis para a implementação da comunicação e as



vantagens e desvantagens do sistema pensado. Isso envolve o custo, a aceitação ou a resistência do sujeito e/ou da família e as possibilidades de seu acesso aos recursos elencados.

Desse modo, pensamos que alguns aspectos se tornam extremamente relevantes, no processo de desenvolvimento inicial da comunicação em sujeitos com surdocegueira pré-linguística: a organização dos atendimentos, associada à participação e comprometimento da família; o estabelecimento de uma parceria efetiva entre os profissionais e a família; e a atuação de diferentes profissionais.

Conclusões

Sabe-se que a comunicação, foco deste estudo e uma área de grande desafio no desenvolvimento da pessoa com surdocegueira, requer dos profissionais que atuam com esse público, conhecimentos sólidos e específicos, afinal é necessário que este profissional saiba perceber e compreender todas as tentativas de comunicação e ofereça suporte para o desenvolvimento da linguagem.

Observamos nos dados apresentados que as perspectivas dos participantes em relação aos aspectos da comunicação e aprendizagem, corroboram com a literatura da área, no sentido de que o trabalho com o sujeito com surdocegueira deve ter como base a comunicação e a compreensão do mundo que o cerca seria o primeiro aspecto a ser levado em conta, nos diferentes contextos de atendimentos.

Por fim, reforçamos que, em relação à educação, a comunicação é fundamental para o desenvolvimento e processo de ensino-aprendizagem, e, no caso de alunos com surdocegueira, um desafio permanente. Deste modo, consideramos que a prioridade no processo educacional das pessoas com surdocegueira deve ser a potencialização das habilidades comunicativas.



Referências

- AMARAL, I. A educação de estudantes portadores de surdocegueira. In: MASINI, E. F. S. (Org.). *Do sentido... pelos sentidos... para o sentido*. São Paulo: Vetor, 2002. p. 121-144.
- ARAÓZ, S. M. M. *Experiências de pais de múltiplos deficientes Sensoriais: surdocegos: do diagnóstico à Educação Especial*. 1999. 141f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde) - Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 1999.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 6. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.
- CADER-NASCIMENTO, F. A. A. A.; COSTA, M. P. R. *Descobrendo a surdocegueira: educação e comunicação*. 3. ed. São Carlos: EDUFSCar, 2010. v. 1. p.78.
- CORMEDI, M. A. *Alicerces de significados e sentidos: aquisição de linguagem na surdocegueira congênita*. 2011. 402f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- COSTA, M. P. R. Surdocegueira. In: MARQUEZINE, M. C.; BUSTOS, R. M.; MANZINI, E. J. (Org.). *Surdo, cego e surdocego frente às questões da inclusão escolar*. São Carlos: Marquezine & Manzini: ABPEE, 2014. p.115-132.
- GALVÃO, N. de C. S. S.; MIRANDA, T. G. Atendimento educacional especializado para alunos com surdocegueira: um estudo de caso no espaço da escola regular. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 19, n. 1, p. 43-60, 2013.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.
- GODOY, S. A.; VITALIANO, C. R.; FABRI, R. T. *Percepções de professores especialistas da área da surdocegueira sobre a formação docente*. In: IX ANPED SUL (Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul), 29 jul/01 ago. 2012, Caxias do Sul. Anais... Caxias do Sul: UCS, 2012.
- MAIA, S. R.; GIACOMINI, L.; ARAÓZ, S. M. M. Desenvolvimento da aprendizagem em crianças com deficiência múltipla sensorial. In: COSTA, M.



P. R. (Org.) *Múltipla Deficiência Pesquisa & Intervenção*. São Carlos: Pedro & João, 2009. p. 49-64.

MANZINI, E. J. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. *Revista Percurso – NEMO*, Maringá, v. 4, n. 2, p. 149- 171, 2012.

MASINI, E. F. S. A educação de pessoas com deficiências sensoriais: algumas considerações. In: _____. (Org.). *Do sentido... pelos sentidos... para o sentido*. São Paulo: Vetor, 2002. p.77-82.

McINNES, J. M. Deafblindness: a unique disability. In: McINNES, J. M. (Dir.). *A Guide to planning and support for individuals who are deafblind*. Toronto, Canadá: University of Toronto Press, 1999. p. 3-32.

McLETCHE, B. A. B; RIGGIO, M. Competências para professores de alunos com surdocegueira. In: MASINI, E. F. S. (Org.). *Do sentido... pelos sentidos... para o sentido*. São Paulo: Vetor, 2002. p.145-166.

MILES, B.; McLETCHE, B. *Developing Concepts With Children Who Are Deaf-Blind*. February. The National Consortium on Deaf-Blindness. Helen Keller National Center Perkins School for the Blind Teaching Research. 2008. Disponível em: https://archive.org/stream/ERIC_ED531842/ERIC_ED531842_djvu.txt. Acesso em: 15 jan. 2017.

REYES, D. A. La sordoceguera: una discapacidad singular. In: REYES, D. A. *La sordoceguera: un análisis multidisciplinar*. Madrid: ONCE, 2004. p. 135-159.

SAMANIEGO, P. S. Implicaciones de la sordoceguera en el desarrollo global de la persona In: REYES, D. A. *La sordoceguera: un análisis multidisciplinar*. Madrid: ONCE, 2004. p. 169-206.

SOUZA, V. L. V. de. Recursos alternativos para o desenvolvimento da comunicação. In: NUNES, L. R. O. P. (Org.). *Favorecendo o desenvolvimento da comunicação em crianças e jovens com necessidades educacionais especiais*. Rio de Janeiro: Dunya, 2003. p. 217-234.

VILLAS-BOAS, D. C. *Pessoas com surdocegueira e com deficiência múltipla: análise de relações de comunicação*. 2014. Tese (Doutorado em



Fonoaudiologia) – São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2014.

VIÑAS, P. G. La educación de personas sordociegas. Diferencias y proceso de mediación. In: VIÑAS, P. G.; REYES, D. (Org.). *La sordoceguera*. Un análisis multidisciplinar. Madrid: ONCE, 2004. p. 309-362.